



ASCENSEUR POUR L'ÉCHAFAUD

FIM-DE-SEMANA NO ASCENSOR

*Nova Cópia Digital Restaurada

Um filme de Louis Malle

Sinopse

FIM-DE-SEMANA NO ASCENSOR / ASCENSEUR POUR L'ÉCHAFAUD foi a estreia de Louis Malle na longa-metragem de ficção, depois de ter trabalhado com Jacques Cousteau. E não podia correr melhor, já que o filme receberia o Prémio Louis Delluc, para o melhor filme francês. Uma intriga policial em ambientes "à americana" (com música de Miles Davis e uma inquietante Jeanne Moreau), ASCENSEUR... era o prenúncio de que um "novo cinema" estava aí a chegar.

Actores

Jeanne Moreau, Maurice Ronet, Georges Poujouly, Yori Bertin, Jean Wall, Elga Andersen, Sylviane Aisenstein, Micheline Bona, Gisèle Grandpré, Jacqueline Staup, Marcel Cuvelier.

Equipa Técnica

Realização – Louis Malle
Argumento – Louis Malle, Roger Nimier, Noel Calef, baseado no romance de Noel Calef
Diálogos – Roger Nimier
Direcção de Fotografia – Henri Decaë
Montagem – Léonide Azar
Música – Miles Davis
Uma Produção NEF
Produtor – Jean Thuillier

Características Técnicas

Ano de Produção: 1958
País: França
Duração: Aprox. 91 min
Classificação: M/12

Serge Daney, in *La maison cinéma et le monde*, 2. Les Annés Libé

[...] O que nutriu esta geração da "Nouvelle Vague" é uma curiosa mistura de elitismo e de populismo (o que me parece muito francês). Este é um fio que se pode seguir ao longo da história dos *Cahiers* e que, claro, se pode criticar. Eu sinto-me evidentemente incluído nisso, nessa dificuldade de ter interesse na via medíocre... O que era "elitista" nessa atitude? Que pessoas que tinham uma cultura mais literária, mas não muito avançada (o "baccalauréat"¹ pouco mais), tivessem "defendido" a vertente mais *escrita* do cinema francês: Renoir, Bresson, Cocteau e até Guitry e Pagnol, contra o "cinema de qualidade" que era fundado sobre uma concepção académica da "adaptação literária".

Ascenseur pour l'Échafaud (Fim-de-semana no Ascensor)

Se agora é tradição, para a equipa dos CAHIERS, apresentar todos os anos a sua lista dos dez melhores filmes, ela não tem de todo ainda – graças a Deus – a intenção de se constituir academia dispensadora de prémios. Não é mistério para ninguém que o nosso "Delluc" oculto foi, este ano, tácita e quase unanimemente, atribuído a *Sait-On Jamais*¹... com umas boas voltas de avanço sobre *Patrouille de Choc*², dois filmes que são os únicos, entre as obras da juventude, a seguir uma direcção anti-normativa. Haverá lugar para supor que *Ascenseur pour l'Échafaud* ocupará a terceira posição, batendo *Mort en Fraude*³ ou *Amour de Poche*⁴.

Os louros e elogios colhidos pelo filme de Louis Malle não solicitam da nossa parte nem defesa inútil nem críticas demasiado cómodas. Os seus defeitos – pecados da juventude *obligent* – são venais: uma lentidão, antes de mais, ou mais exactamente, uma certa *inércia* que a rapidez dos movimentos e a frequência dos *raccourcis* não chegam, com efeito, a agitar. Depois, e sobretudo, a injustificável ruptura de tom entre a tendência *behaviourista* da narrativa e o solilóquio (na sua

maior parte em *travelling*-contra-picado: a armadilha das armadilhas!) de Jeanne Moreau. Estes excertos infelizes de estilo subjectivo fazem com que o filme avance em alguns anos a idade histórica em questão e maculam o cromatismo, demasiado moderno, do corpo da obra. Pois, se a narração vacila muitas vezes, a língua, essa, está imóvel. O que deve ser realçado – mímica, gesto, objecto – é-o com precisão, de forma pouco grosseira. As cenas no elevador oferecem-nos um pequeno digestivo, não demasiado indigno, da infraestrutura do *Condamné* de Bresson. A arquitectura moderna e os automóveis inspiram Malle e Decaë. A impressão fotográfica, revelada no “banho”, é de um efeito feliz e dramático.

Pelo contrário, posto de parte este último elemento, procuraríamos em vão esses momentos de graça fotogénica esparsos mas bem presentes em Vadim. Isto a propósito do *handicap* ocasionado pelo ecrã normal e o preto e branco. A sensibilidade não é, até nova ordem, o forte do nosso laureado e as cenas de *pathos* da abertura e conclusão não estão ali para nos contradizerem. A escolha de notações (profusas no filme: pitorescas, sociológicas, psicológicas, de atmosfera material ou moral) parecem-nos, aqui, enfatizar a simples *economia* – isto é, a economia da narrativa – do que o amor ardente ou, à falta disso, a complacência amável pelos objectos, fétiches, marcas de classe, casta, grupo ou clã, que fazem as delícias de *Sait-On Jamais*...

No fundo, o que existe de mais discutível em *Ascenseur pour l'Échafaud* é a literatura. No sentido mais restrito do termo, o de texto: nos momentos em que a imagem sem fôlego não logra seguir um comentário ocioso. É certo que o romance de Noël Calef sofreu uma considerável melhoria (o móbil do crime, a ideia do motel, etc). É possível também que o diálogo de Roger Nimier, de onde podemos relevar algumas fórmulas felizes, fica melhor na página, sendo que frequentemente soa a falso. E esta *littérature-là* (se agora expandirmos um pouco o termo) demonstra, nesta ocasião, que mesmo oportunamente rejuvenescida pelo petróleo, pelos paraquedistas da Indochina, pelos Mercedes 300 SL, pela auto-estrada do Oeste, a sua velhice não é pouco mais evidente do que aquela do folclore entre Porte-des-Lilas-Canal Saint-Martin. Que o jovem cinema francês, de pés subitamente aligeirados, se resguarde de fazer da América, das suas torres, dos seus géneros e das suas leis, uma nova tartaruga de Aquiles⁵.

Eric Rohmer, *Cahiers du Cinéma*
[trad. Cláudia Coimbra]

¹ Filme de Roger Vadim (1957).

² Filme de Claude Bernard-Aubert (1957).

³ Filme de Marcel Camus (1957).

⁴ Filme de Pierre Kast (1957).

⁵ Paradoxo de Zenão.